INCÊNDIOS E MUDANÇA CLIMÁTICA: O TÍTULO DE PRIMEIRA PÁGINA QUE NUNCA LERÃO NA IMPRENSA PORTUGUESA

Esta notícia do DN é apenas um exemplo do inútil e enganador retrato que a imprensa portuguesa tem vindo a dar dos incêndios «recordistas» em Portugal. Estamos a bater recordes a cada nova vaga de incêndios. Ou é o incêndio com mais mortos, ou o dia com mais incêndios. Este sensacionalismo estéril tem o seu eco institucional no «pro-activismo» do governo e das outras forças políticas, ou mesmo na falta de perspectiva da maior parte dos especialistas chamados a opinar. Todos os sectores de opinião, incluindo muitos ambientalistas, e sectores da sociedade têm graves responsabilidades nesta obtusa e muitas vezes voluntária negação do aspecto mais sério da crise dos incêndios. Tudo isto seria apenas mais um exemplo do provincianismo local se não fosse a trágica ilustração da incompreensão nacional do que significa para nós a mudança climática em curso.

A mudança climática provocada pela sociedade industrial é o processo mais destrutivo em que a humanidade está ou esteve envolvida. E isto pela simples razão de que o clima (que parece a alguns, em Portugal, uma simples palavra de boletim meteorológico) DETERMINA TUDO. Sendo um processo dinâmico e complexo, ela afecta tudo e todos, mas não da mesma maneira nem à mesma velocidade. Portugal está num dos pontos mais sensíveis do planeta: a península ibérica está exposta a processos de desertificação que, muito provavelmente, a tornarão parcialmente inabitável em pouco tempo. As mudanças decisivas nos ciclos das estações estão a alterar o habitat de muitas espécies e, sobretudo, estão a comprometer os recursos aquíferos e a possibilidade de aqui continuar as práticas agrícolas iniciadas no Neolítico. Ou seja, a mudança climática comprometerá, muito rapidamente, a sustentação da vida humana nestes territórios.

A sociedade portuguesa entrou numa fase grotesca da sua auto-representação. Embriagada por vagas promessas de relançamento económico, entretemo-nos a discutir de um modo tecnocrático o combate aos incêndios, como se bastasse uma maior eficácia dos dispositivos para resolver aquilo que é, obviamente, um problema global. O debate sobre o eucalipto tem razão de ser: que sentido faz admitir uma tal espécie num território tão ameaçado e fragilizado? Mas deixa de fazer sentido quando ignora o quadro dinâmico da mudança climática. Em geral, estes debates ignoram a complexidade da mudança climática, as novas dimensões da nossa situação, que fazem com que já não haja catástrofes APENAS naturais ou APENAS humanas. O exemplo patético é o debate sobre as falhas do SIRESP e do seu sistema de comunicação de incêndios. Esse debate é um sobrevivente de uma das mitologias pós-modernas, aquela que hipertrofiava o poder da informação para resolver sistemicamente os problemas. Ao mesmo tempo, a sociedade portuguesa é uma das sociedades mais motorizadas a nível global: o automóvel privado carbónico é o pequeno deus egoísta que domina as nossas ruas e estradas. E os media, todo e qualquer espaço mediático, estão cheios de anúncios publicitários a automóveis cada vez maiores, cada vez mais apetecíveis, cada vez mais absurdos. A passividade dos cidadãos perante esta invasão ideológica do ecocídio motorizado é o melhor retrato do estado da sociedade portuguesa. Os incêndios serão cada vez mais e mais furiosos. E com eles virá o incêndio social e político do Estado português.

--

Jorge Leandro Rosa